

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
14 e 18 de Maio de 2026

LES MAISONS DE LA MISÈRE / 1937

Um filme de Henri Storck

Realização: Henri Storck / Argumento: Henri Storck e Fernand Piette / Direcção de Fotografia: Eli Lotar e John Ferno / Música: Maurice Jaubert / Canções: Charles Dorat, interpretadas por Agnès Capri / Montagem: Henri Storck.

Produção: CEP - Société Nationale des Habitations à Bon Marché / Produtor: R.G. Le Vaux / Cópia 35mm, preto e branco, falada em francês com legendagem eletrónica em português / Duração: 30 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

LES MAISONS DE LA MISÈRE é apresentado com KILLER OF SHEEP de Charles Burnett (“folha” distribuída em separado)

“Acredito que é possível, e mesmo fecundo, juntar estreitamente o documentário e o drama, e que, nesta fórmula ainda mal definida, há possibilidades de futuro”, dizia Henri Storck na altura da estreia de **Les Maisons de la Misère**, em 1936 ou 1937 conforme as fontes que se consultam (adoptámos no cabeçalho a segunda data, por ser a utilizada na página de internet da Fondation Henri Storck). Era um tempo ainda inicial na reflexão teórico-prática sobre os limites do documentário, ou sobre o conceito de documentário, “tout court”, e se a intuição de Storck estava certíssima (quanto às *possibilidades de futuro* desta fórmula) é menos por essa justeza que o citamos e mais como sublinhado da relativa raridade que este tipo de filme - o documentário de encenação e reconstituição, o documentário que se serve da pequena mentira ficcional para reproduzir e intensificar uma verdade mais bruta do que qualquer ficção - ainda configurava no final dos anos 1930. De certa forma, é um bom parceiro, um parceiro *franco*, para os **Las Hurdes** de Buñuel, outro filme sobre a miséria mas que, como sabemos hoje, não era *franco*, no sentido em que não assumia o que de encenado e até distorcido tinha. A aproximação justifica-se ainda de outra maneira, porque **Les Maisons de la Misère** (ver, por exemplo, o plano da posta de carne coberta de larvas) mostra bem a que ponto o imaginário - ou o documentário - da miséria tende a ficar na vizinhança da escatologia dos surrealistas.

Talvez sejam questões pouco marginais, mas não deixam de tocar no âmago do filme: a miséria. Dela não se foge, dela não quis Storck fugir, pelo menos desde que (com Joris Ivens) a filmou em **Misère au Borinage**, três anos antes, um filme bem mais célebre do que o que vamos ver, sobre as condições de vida e trabalho dos mineiros de uma região da Valónia. Terá sido uma experiência marcante para Storck, um despertar, ou um aguçar, da sua consciência político-social, e algo que ele terá assumido como inerente à sua missão enquanto cineasta. Pelo que não desperdiçou a possibilidade de filmar estas “casas da miséria”, na sequência de uma encomenda de uma Société National des Habitations à Bon Marché. Hoje, na nossa era do eufemismo, traduzir-se-ia por

Sociedade Nacional para a Habitação Acessível, mas quer literalmente dizer “habitação barata”, e era uma associação que pugnava pela construção de “bairros sociais” (outra expressão mais ou menos eufemística que talvez ainda não fosse usada nos anos 1930) como solução para arrancar à mais abjecta miséria uma boa parte da população, sobretudo a população operária - porque é um dado importante: não se está a falar de “párias” nem de marginais excluídos da cadeia laboral, mas de gente que trabalha, que tem empregos, mas que não tem nenhuma hipótese de aceder a um alojamento humanamente condigno. 90 anos depois, quando se fala (outra vez) de “crise da habitação”, as reverberações são deveras perturbantes, um reforço das convicções daqueles que acreditam que o mundo avança em ciclos repetitivos, e que se está sempre a voltar a mais do mesmo.

Convirá, portanto, ter em mente que se trata de um filme de propaganda no sentido estrito do termo ou lá muito perto – algo bastante evidente no segmento final, quando o idealismo toma conta do filme e se propõe uma visão do futuro em que os “taudis” (os bairros de lata, as favelas) da Bélgica foram substituídos por pequenos paraísos urbanísticos. Uma visão porventura um pouco “naive”, mas é caso para lembrar as últimas palavras de Godard no **Livre d’Image**, “mesmo se nada tivesse sido como esperávamos, isso não mudaria em nada as nossas esperanças”, porque é evidente que as esperanças de **Les Maisons de la Misère** estão *certaines*.

Mas se tirarmos o idealismo e o futurismo, o que fica é, de facto, “a pintura mais violenta e mais devastadora do horror das favelas que já vi o cinema fazer” (*dixit* Paul Strand depois de ver o filme de Storck). Aquela câmara que, logo nos primeiros planos de interior (depois da introdução nos ambientes industriais), vai fazendo descobrir uma casa atafalhada de gente, adultos e crianças ao monte, tem sempre uma força extraordinária, que vai muito além da demonstração ou da ilustração de uma tese. É um retrato da humanidade sob ataque, como bem atesta a cadeia de implicações sugeridas pelo filme, da falta de condições sanitárias a essa coisa radical que é a supressão de toda e qualquer possibilidade de privacidade, e mesmo a espécie de degradação moral que vem com tudo isso (a sugestão do abuso incestuoso, por exemplo). A morte está por todo o lado, como se vê na sequência no cemitério (um cemitério que é ele próprio uma espécie de “taudis”) e naquele impressionante picado a 180° sobre um caixão depositado na cova, pronto a começar a ser coberto por terra. Mas há também a vida, e é sobretudo a vida das crianças que interessa ao filme, é onde Storck encontra uma espécie de luminosidade magoada (os planos com as brincadeiras dos múdos, mesmo se neles a alegria convive e se mistura com uma agressividade de animal selvagem em luta pela sobrevivência). Mas é essa demonstração da força vital que se encontra mesmo na maior miséria que faz o poder do filme, e que o arranca às suas circunstâncias específicas para o tornar numa poderosa reflexão – também poética – sobre a vida dos seres humanos nas mais abomináveis condições.

Luís Miguel Oliveira